



Pesquisador: *Flávia Garcia Guidotti*

Título: *O ensino do fotojornalismo em tempos de isolamento social: possibilidades e desafios*

Período de execução: *01/09/2020 a 31/12/2021*

Linha de Pesquisa: *Cultura e Sociedade*

Grupo de Pesquisa: *Comunicação, Cultura, Tecnologias e Modos de Subjetivação*

Resumo

Este projeto propõe uma pesquisa que visa investigar as possibilidades e desafios do ensino do fotojornalismo à distância. O estudo baseia-se na experiência desenvolvida durante o período de retomada das aulas durante a pandemia gerada pelo Covid-19, ou novo Coronavírus, em 2020, e pretende observar as práticas e transformações ocorridas a partir da necessidade de ministrar aulas *online* de fotojornalismo. Durante a pesquisa irei observar minha experiência docente em três turmas do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina: uma de Fotografia e Fotojornalismo e duas de Laboratório de Fotojornalismo. A pesquisa pretende traçar uma cartografia tendo como plano de imanência as novas práticas, aqui entendidas também como experiências (LARROSA, 2002, 2006, 2012; MONTAGNE, 2020). Essas serão comparadas com as experiências anteriores com as disciplinas, que venho ministrando desde 2014. Neste período de retomada todas as atividades ocorrem à distância, através das plataformas institucionais (Moodle e Conferência Web através do Big Blue Button) e conta com o auxílio de um perfil na rede social Instagram (@labdafoto), que além de atender algumas demandas da disciplina, também funciona como um projeto de extensão, uma vez que optamos por mantê-lo aberto à comunidade interessada por fotografia e fotojornalismo. Para compor o mapa serão utilizados métodos mistos, como a Análise de Redes Sociais (WELLMAN, 2001) e a Etnografia Virtual (RECUERO, 2016; FRAGOSO, 2011; SNEE et al., 2016; HINE, 2015).



1. Introdução (problema, justificativa, objetivos)

O ano de 2020 está marcado pela maior pandemia dos últimos tempos. No início de dezembro 2019 surgem as primeiras notícias sobre um vírus desconhecido e altamente contagioso na cidade de Wuhan, na China. Menos de dois meses depois, em 26 de fevereiro, é confirmado o primeiro caso de contaminação pelo novo Coronavírus (Covid-19) no Brasil. Na Universidade Federal de Santa Catarina um comitê multidisciplinar, formado emergencialmente para discutir o problema sanitário, decide pela suspensão de todas as atividades de ensino presencial em todos os *campi* da instituição a partir de 16 de março de 2020. Em 21 de julho de 2020 o Conselho Universitário, através da Resolução Normativa n. 140/2020/CUN, autoriza a retomada não presencial das atividades pedagógicas da Universidade, seguindo um calendário suplementar excepcional onde estão previstas 16 semanas de aulas remotas, com início do período letivo a partir de 31 de agosto de 2020, estendendo-se até 14 de dezembro de 2020.

Nas cinco semanas que antecedem o início das atividades de ensino, a Universidade Federal de Santa Catarina lança uma série de documentos e cursos com orientações aos professores. Publicações institucionais tratam de explicar a retomada do ensino da UFSC tentando diferenciá-lo do EaD, como podemos observar no destaque do site da instituição.

“Que tipo de ensino teremos? Neste novo período, expressões como *atividades pedagógicas não presenciais* ou *ensino remoto* são algumas das formas que usaremos em referência a esse novo momento da UFSC. É importante lembrar que isso tudo é diferente de *ensino a distância (EaD)*, que são atividades de ensino integralmente pensadas de um outro modo que essas atividades emergenciais, provocadas pela pandemia.

Nesse modelo de ensino em caráter excepcional: A UFSC terá atividades disponibilizadas aos estudantes, no Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem Moodle, síncronas (com a presença de alunos e professor ao mesmo tempo no ambiente virtual) e assíncronas, utilizando tecnologias de informação e comunicação; As atividades pedagógicas não presenciais síncronas não deverão ser realizadas fora do horário estabelecido na grade horária, a não ser com a concordância de todos os alunos e professores [...] (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2020)

Dentre as disciplinas do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, as da área de fotojornalismo estão entre as que mais sofreram mudanças com o novo modelo implantado. Em primeiro lugar porque não tínhamos acesso aos equipamentos fotográficos que até então sempre utilizamos nas aulas; em segundo lugar porque estaríamos em isolamento durante o período de desenvolvimento das



aulas, o que limita as possibilidades de fotografar, já que dispomos apenas do ambiente doméstico.

Entre a decisão do Conselho Universitário e o início das aulas, tivemos cinco semanas para adequarmos os planos de ensino, aprendermos a utilizar as ferramentas disponíveis e refletir quais seriam as melhores estratégias para conquistar um público de estudantes descrentes das possibilidades trazidas pelo novo formato.

Diante do exposto, esta pesquisa pretende então traçar uma cartografia da experiência vivida neste semestre letivo, bem como investigar as possibilidades de se agregar as atividades de ensino realizadas nas disciplinas Fotografia e fotojornalismo e Laboratório de Fotojornalismo às atividades de extensão desenvolvidas através da rede social Instagram, no perfil @labdafoto.

Pretende-se discutir a eficácia do método bem como o papel do professor como promotor dos saberes, inclusive dele próprio, uma vez que estarei observando a mim mesma caminhando por esse território desconhecido e rizomático, que são as redes virtuais de aprendizagem. A pesquisa será, portanto um estudo com viés etnográfico, atentando para os efeitos do método que está sendo implantado na nova configuração de ensino e o engajamento dos alunos com as atividades propostas, facilitado pela utilização do perfil @labdafoto, na rede Instagram, projeto de extensão que teve início junto com a retomada do semestre letivo e será desenvolvido concomitantemente ao desenrolar do semestre letivo. Acredito que a integração ensino e extensão irá ampliar os debates e a troca de experiências vivenciadas nas aulas em tempos de isolamento social.

Considerando que poucas pesquisas debruçam-se sobre o ensino do fotojornalismo e tendo em vista o ineditismo de se pensar a formação em fotografia e fotojornalismo à distância e em isolamento, justifico a necessidade de refletir sobre essas novas práticas e possibilidade pedagógica neste momento fatídico, onde, como afirma Žižek (2020, s.p) “nos vemos diante do imperativo de inventar uma nova forma de vida, uma vez que fica claro que não há mais possibilidade de retorno à antiga”. De acordo com o filósofo esloveno "a epidemia da covid-19 anuncia uma nova época na qual teremos que repensar tudo, inclusive o significado básico do que é ser humano, e nossas ações devem ir ao encontro de nossos pensamentos" (ŽIŽEK, 2020, s.p).

Diante do exposto, os objetivos deste trabalho são:

Objetivo principal:

Refletir sobre as possibilidades e os desafios do ensino do fotojornalismo em tempos de isolamento social.



Objetivos específicos:

1. Descrever e analisar os planos de ensino atentando para as principais mudanças trazidas pelo novo modelo;
2. Observar as possibilidades e desafios das plataformas disponíveis;
3. Analisar o engajamento dos alunos, através das aulas síncronas e das postagens dos exercícios propostos;
4. Examinar o papel do projeto de extensão @labdafoto e sua integração com as atividades de ensino;
5. Refletir sobre minha própria atuação docente neste novo formato, os desafios que são lançados e as estratégias utilizadas.

2 Referencial teórico

2.1 Mudanças no jornalismo

Para iniciar é importante salientar que este estudo está situado no campo do jornalismo, uma vez que pensar em experiências pedagógicas inovadoras vai ao encontro de mudanças mais profundas, pelas quais o jornalismo vem passando nos últimos tempos. Nesse sentido, parto das considerações de Deuze e Witschge no texto “O que o jornalismo está se tornando” (2016) para iniciar esta reflexão porque acredito que ela seja produtiva na medida em que os autores trazem uma abordagem sobre a profissão e exploram diferentes desenvolvimentos disruptivos que culminam com mudanças profundas no fazer jornalístico. De acordo com os autores o jornalismo está se tornando pós-industrial e como isso são necessárias novas formas de conceituar, teorizar e analisar as práticas.

Nesta pesquisa é importante fazer um paralelo com o que vem ocorrendo com as aulas, uma vez que elas se tornam mais concordantes com os novos modos de trabalhar dos jornalistas. Deuze e Witschge constatarem que o jornalismo está passando por modificações propiciadas pelas tecnologias e pelas novas formas de trabalhar em rede (hoje intensificadas pela pandemia) e alertam para a precarização do trabalho nesse novo contexto de reorganização dos ambientes e de fragmentação das redações, intensificadas pelas práticas de terceirização e, principalmente, pela emergência de uma sociedade "redacional", onde habilidades e competências jornalísticas são requeridas de todos os cidadãos.



Os autores discorrem ainda sobre a questão da hierarquia de influências no trabalho jornalístico e como os jornalistas, como indivíduos os grupos, agem dentro dos novos sistemas. Para eles o trabalho jornalístico, como um sistema social, tem se tornado um espaço de incertezas, fluxos, mudanças, conflitos e revoluções, uma vez que a própria ideologia ocupacional, como característica identitária da profissão (senso de ética, validade e legitimidade) e o respeito aos valores seculares (objetividade, verdade, autonomia), são postos em cheque com os novos modelos.

Para Deuze e Witschge o jornalismo como instituição social passa por um momento de desprofissionalização ao mesmo tempo em que o empreendedorismo é incentivado, mesclando os papéis dos trabalhadores das mídias, hoje também conhecidos como produtores de conteúdos. Nesses novos modelos, organizações jornalísticas são as novas maneiras de estar "dentro" e "fora" das redações, com rotinas e práticas padronizadas, primando pelas produções ágeis, projetos curtos e equipes temporárias. Com isso os jornalistas trabalham cada vez mais isolados e individualmente, enquanto os empregos permanentes desaparecem e a profissão envelhece.

Para esta pesquisa as novas formas pedagógicas que estão sendo implantadas durante este semestre de isolamento vão ao encontro das mudanças que o jornalismo vem passando nos últimos tempos, ambos são práticas em movimento que passam por uma multidão de experiências incertas e seu impacto na sociedade e nos aulos também é incerto.

2.2 O desenvolvimento de um método rizomático de educação [ou] Eu aprendo, tu aprendes, nós aprendemos

Em 2011 eu conheci um livro que mudou radicalmente a minha forma de pensar sobre a minha prática docente. Falo aqui do livro “O mestre ignorante” (2002), de Jacques Rancière. Nele Rancière expunha a teoria de um professor francês que, no início do século XIX, foi exilado nos países baixos e precisou dar aulas a um grupo de alunos com os quais não compartilhava a mesma língua, Joseph Jacotot não falava o holandês, nem seus alunos falavam o francês. Diante da dificuldade o mestre resolveu utilizar um versão bilíngue de um livro, através da qual ele acreditou que os alunos pudessem aprender por comparação o francês e ele, da mesma forma, poderia aprender o holandês. Jacotot relata espantado que os alunos aprenderam com facilidade a língua sem que houvesse necessidade de um mestre explicador. A partir de sua experiência ele conclui que a crença na igualdade das inteligências e a emancipação intelectual foram as chaves para o sucesso do método. O ato de explicar, segundo ele, acaba hierarquizando os saberes e isso é o princípio do que ele chama de embrutecimento, enquanto os processos de aprendizagem em que as capacidades dos alunos são

reconhecidas e desenvolvidas através de métodos mais igualitários, promovem a emancipação.

Este livro me ajuda a refletir sobre a minha prática porque neste momento me entendo como um Jacotot de Ranciere, alguém a quem é dado um desafio e o aceita tendo que se reinventar. Contudo estou motivada a aprender, a trilhar outros caminhos e compartilhá-los, a aprender com os alunos, com os acertos e erros típicos de quem faz pela primeira vez. Nesta pesquisa pretendo, portanto, experimentar, me reinventar, me olhar criticamente e contar o que vivo neste período. Para mim será, de certa forma, um aprendizado que se dará através da experiência, no sentido atribuído a ela por Jorge Larrosa Bondía (2002; 2006), como algo intenso, capaz de produzir diferença em mim e nos alunos.

A produção da subjetividade é cada vez mais complexa em uma era de superabundância de criação, distribuição e consumo de conteúdos imagéticos. Porém, as imagens passam e ao mesmo tempo pouco nos passa. É como se estivéssemos intoxicados pela grande quantidade de produtos visuais que nos cercam. André Parente alerta que

nenhuma reflexão séria sobre o devir da cultura contemporânea pode deixar de constar que existe uma enorme multitude de sistemas maquínicos, em particular a mídia eletrônica e a informática, que incidem sobre todas as formas de produção de enunciados, imagens, pensamento e afetos. (PARENTE, 1993, p. 14)

A constatação de André Parente ajuda-me a refletir a respeito do que ocorre com a fotografia em geral, nesse momento de abundância visual facilitada pelas mídias digitais, pelos *sites* de compartilhamento e pelas redes sociais. De fato as imagens têm habitado cada vez mais nossas vidas através dos diversos dispositivos de informação e entretenimento — televisão, computadores, tablets, smartphones etc. Hoje, em qualquer lugar que conseguimos nos conectar à internet podemos acessar quase todo o tipo de material imagético, das fotografias de imprensa aos memes, e muitos materiais estão disponíveis para compor nosso acervo imagético.

O que se torna interessante é que hoje podemos escolher com menos limitações os conteúdos de informação e entretenimento que queremos que faça parte de nossas vidas, de nossa dietética, do que consumimos para tornarmos o que somos. Trata-se agora de uma opção pessoal, da nossa curiosidade e vontade de conhecer e aprender através de experiências diversas, facilitadas através das tecnologias de compartilhamento. Esses dispositivos possibilitam o intercâmbio de conteúdos que têm sido produzidos nos lugares mais remotos e distantes geograficamente.

As experiências sensoriais sofrem interferências desses novos rituais aos quais estamos submetidos e se transformam, gerando novos significados. Porém, a possibilidade de



acesso faz com que os próprios circuitos alternativos, que estão à margem do sistema comercial institucionalizado, possam se fortalecer tanto através do compartilhamento de conteúdos como através de debates que ocorrem em fóruns, em blogs, sites especializados e redes sociais. Falo do acesso a conteúdos que nos permitam realizar uma experiência, no sentido que a atribui Jorge Larrosa, quando diz: "A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece" (LARROSA, 2002, p. 21).

Imagens que nos permitem viver essas experiências, nos possibilitam também novos modos de existência. Estou falando de um cuidado de si, no sentido foucaultiano, como uma estética da existência, que inventa modos de vida, capazes de resistir ao poder, de se recriar a cada instante e transformar a vida em obra de arte (FOUCAULT, 2006). Falo de imagens porque é o que ajuda a me constituir, porque acredito, assim como França, que "constituir novos modos de existência pode se dar até mesmo dentro de uma perspectiva absolutamente casual (uma paixão, um ritual, uma brisa, um filme, uma crise econômica...), desde que esses acasos criem uma necessidade, isto é, uma produção em-si" (2005, p. 30). Essa produção em si, seria também uma educação de si. O que passa é que, como afirma Larrosa, "la experiencia es siempre impura, confusa, demasiado ligada al tiempo, a la fugacidad y la mutabilidad del tiempo, demasiada ligada a situaciones concretas, particulares, contextuales, demasiado vinculada a nuestro cuerpo, a nuestras pasiones, a nuestros amores y a nuestros odios" (LARROSA, 2006, p. 470). Por esse seu caráter múltiplo a educação tem rejeitado a experiência e a tem relegado a outros espaços, dispensando a sua potencialidade como componente educativo. Para Jorge Larrosa, para pensarmos na experiência em sua relação com a educação é necessário, em primeiro lugar, dignificar a experiência, depois reivindicar a seu favor no campo educacional e, em terceiro, ter cuidado para que a experiência não deixe de ser uma experiência, ou melhor, não seja mais uma vez impossibilitada, sobretudo, pela falta de palavras.

A experiência nesta pesquisa é trabalhada como algo ligado ao nosso tempo, vinculada ao meu corpo, seguindo o caminho que tracei de uma forma um tanto solitária de repensar as minhas práticas como educadora e de perceber e de salientar as coisas que me afetam como sujeito. Considero que as imagens fotográficas são capazes de promover meu encontro com a alteridade, relacionando minha existência a partir da visão do outro, tanto do outro personagem como do outro criador, no caso dos fotógrafos. Esse olhar me permite compreender o mundo a partir de um outro olhar que, a princípio, não é meu, mas que é diferente e sensível à experiência do contato. Acredito que isso pode sim ser desenvolvido no âmbito acadêmico, com projetos diferenciados, que não utilizem as imagens apenas como meio de expressão de conteúdos curriculares, mas também suscitem o pensamento nos alunos.

As ideias desenvolvidas por Jacques Rancière no livro *O espectador emancipado* (2012) também me ajudam a refletir a respeito do cinema como dispositivo educativo. Rancière apresenta cinco ensaios nos quais analisa a relação do espectador com a arte e os seus sentidos; e atribui ao espectador a responsabilidade de tornar esse encontro produtivo. O autor traz uma perspectiva bastante interessante, partindo da ideia desenvolvida anteriormente no livro *O mestre ignorante* (2002). Para Rancière, é possível fazer uma analogia entre o aluno emancipado e o espectador emancipado. A relação entre eles reside no uso da sensibilidade e na liberdade que ambos possuem para escolher o que fará parte da estética de sua existência, fazendo uma espécie de tradução do que é percebido e construído a partir de relações individuais. Para pensar o espectador nessa perspectiva é necessário quebrar os paradoxos que giram em torno da ideia de que ser espectador pressupõe uma passividade de quem não conhece e também não atua. Os espectadores são também agentes de uma prática coletiva. Eles também traduzem signos e “esse trabalho poético de tradução está no cerne de toda aprendizagem” (RANCIÈRE, 2012, p. 15). O espectador aprende aventurando-se entre os signos, dizendo o que vê, o que pensa sobre o que vê. Nas palavras de Rancière,

O espectador também age, tal como o aluno ou o intelectual. Ele observa, seleciona, compara, interpreta. Relaciona o que vê com muitas outras coisas que viu em outras cenas, em outros tipos de lugares. Compõe seu próprio poema com os elementos do poema que tem diante de si. Participa da performance refazendo-a à sua maneira, furtando-se, por exemplo, à energia vital que esta supostamente deve transmitir para transformá-la em pura imagem e associar essa pura imagem a um história que leu ou sonhou, viveu ou inventou. Assim, são ao mesmo tempo espectadores distantes e intérpretes ativos do espetáculo que lhes é proposto. (RANCIÈRE, 2012, p. 17)

Para Rancière trata-se de, ao ver, compor seu próprio poema e, a partir dessa capacidade de associar e de dissociar, construir sua emancipação como espectador-indivíduo e não apenas como parte de uma coletividade. Essas ideias baseiam-se na igualdade das inteligências, capazes de vivenciar as experiências estéticas. Para o autor

Dispensar as fantasias do verbo feito carne e do espectador tornado ativo, saber que as palavras são apenas palavras e os espetáculos apenas espetáculos pode ajudar-nos a compreender melhor como as palavras e as imagens, as histórias e as performances podem mudar alguma coisa no mundo em que vivemos. (RANCIÈRE, 2012, p. 26)

O responsável por isso é o espectador emancipado, e aqui eu o comparo ao aluno emancipado. É nessa perspectiva que creio residir a possibilidade de uma autoeducação a partir das experiências vividas neste momento, pensando que somos todos espectadores/alunos ativos, capazes de realizar esse trabalho poético de tradução.

2.3 A relação entre estética e política [ou] Modos críticos de ser, aprender e ensinar

Acredito que a discussão estética e política é importante considerando o lugar da fotografia dentro do jornalismo e mesmo o lugar do fotojornalismo dentro das discussões e das preocupações acadêmicas no âmbito da pós-graduação. Boa parte dos pesquisadores do jornalismo não exitam em apontar a imagem como meio importante e até central em nossa sociedade, porém poucos se dispõe a discorrer sobre as possibilidades do ensino do fotojornalismo.

Entendendo a fotografia e o fotojornalismo (em menor escala) como linguagem com forte relação com a arte, é possível pensar em seu potencial estético e político a partir das ideias desenvolvidas por alguns autores, como Jacques Rancière (2005), Georges Didi-Huberman (2010) e Slavoj Žižek (2004).

Para Rancière a base estética da política é feita de desentendimentos entre as diferentes linguagens e o mundo. Para o autor esses conflitos são importantes pois visam transformar o corpo social através de estratégias de resistência, já que a política estetizada é uma tecnologia eficaz de poder, que age através do que o autor chama de partilha do sensível.

Partilha significa duas coisas: a participação em um conjunto comum e, inversamente, a separação, a distribuição de quinhões. Uma partilha do sensível é, portanto, o modo como se determina no sensível a relação entre um conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusivas. Antes de ser um sistema de formas constitucionais ou de relações de poder, uma ordem política é uma certa divisão das ocupações, a qual se inscreve, por sua vez, em uma configuração do sensível. (RANCIÈRE, 1996, p. 8).

A partilha do sensível, consiste, portanto, na forma da subjetividade política, tanto do que é compartilhado na vivência comum, quanto do que é repartido pelos processos de desigualdade e exclusão.

O questionamento que norteia as reflexões de Rancière é se arte teria ou não a obrigação de servir a algo ou alguém. O autor parte da constatação de que tanto arte como política são construídas a partir de ideais, de utopias.

Para Rancière os atributos estéticos da arte tem o poder de “introduzir em uma comunidade sujeitos e objetos novos, tornar visível aquilo que não o era e tornar audíveis, como interlocutores, aqueles que eram percebidos somente como animais em algazarra” (RANCIÈRE, 2004b, p. 38). A partilha do sensível colocaria, portanto, em evidência sujeitos antes invisibilizados, trazendo à tona suas vozes, seus corpos, seus gestos, mostrando os conflitos existentes entre esses sujeitos e o mundo. Para o autor a arte, com seus atributos estéticos, tem o poder de deslocar esses sujeitos de onde

estavam confinados, "do submundo de ruídos obscuros [e ao mesmo tempo os inserir] no mundo do sentido e da visibilidade, afirmando-se como sujeitos de razão e de discurso, capazes de contrapor razões e de construir suas ações como uma demonstração de que compartilham um mundo comum" (RANCIÈRE, 2004a, p. 90-91).

Os objetos artísticos, portanto, apresentariam com mais clareza as desigualdades e as divisões existentes nas sociedades, promovendo uma reconfiguração do mundo sensível, ou seja, mudando a forma como percebemos e agimos nesse mundo. Nesse sentido o autor afirma: "hoje em dia, é no terreno estético que prossegue uma batalha ontem centrada nas promessas da emancipação e nas ilusões e desilusões da história" (RANCIÈRE, 2005, p. 11-12).

Didi-Huberman, indo ao encontro das ideias de Rancière, salienta a necessidade de compreensão das "linguagens do povo, gestos, rostos, tudo isso que, por contraste, desenha zonas ou redes de sobrevivências no lugar mesmo onde se declaram sua extraterritorialidade, sua marginalização, sua resistência, sua vocação para a revolta." (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 72).

Partindo dessas ideias iniciais sobre a relação entre estética e política é que pretendo tecer as bases para uma reflexão acerca da potência política de ensinar fotografia e fotojornalismo em redes.

3 Metodologia

Dada a complexidade da rede de elementos técnicos e culturais que atravessam o ensino do fotojornalismo à distância, assim como os desdobramentos estéticos e éticos implicados nessa relação, pretende-se traçar uma cartografia das práticas pedagógicas que ocorre durante o ano letivo de 2020.

Num primeiro momento recorro à cartografia de Deleuze e Guattari como guia plural, aberto e multidimensional, amplamente utilizado nas investigações da área de ciências sociais aplicadas (ROSÁRIO E AGUIAR, 2012; DELEUZE E GUATTARI, 1995; FONSECA, 2003; ROLNIK, 1989).

Para a cartografia o objeto empírico funciona como um território a ser percorrido. Cabe ao cartógrafo percorrer esse território atento aos seus fluxos e intensidades, sempre registrando as experiências vividas no contato com o objeto de estudos, neste caso as práticas de ensino desenvolvidas nas três disciplinas da área de fotojornalismo. A cartografia não possui modos de fazer rígidos, pois ela só é possível em contato com o objeto. Nela o caminho se faz caminhando e observando através de um olhar não-

natural, porque bem mais atento. Na cartografia de Deleuze e Guattari o empírico tem um sentido próprio, que consiste em priorizar a experiência, a experimentação e não o objeto em si. Na cartografia o olhar do cartógrafo é valorizado, sua subjetividade, portanto, também é considerada.

A cartografia permite ver o objeto audiovisual por outras perspectivas que as técnicas e procedimentos costumeiramente usados na comunicação não têm o hábito de evidenciar. Ela permite verificar as diferenças, observar ou capturar elementos da duração (de acordo com Bergson), ela dá espaço para as heterogeneidades, para os elementos minoritários e a para as linhas de fuga. Ela reconhece, igualmente, o espaço da subjetividade na pesquisa - o que não é muito aceito na pesquisa em comunicação, contudo, é necessário, pelo menos, um debate sobre o papel da subjetividade na pesquisa científica, sobretudo nas áreas das ciências humanas e sociais, uma vez que a subjetividade é inerente a qualquer pesquisa. (ROSÁRIO; AGUIAR, 2012, p. 1272)

Nesta pesquisa a cartografia facilita o contar as práticas atenta tanto aos planos estabelecidos à priori (planos de ensino), mas também os desvios do caminho, ou seja as modificações que podem ocorrer no desenvolver das aulas. Para esta cartografia tudo serve. Observações de aulas síncronas, dúvidas e comentários dos alunos, contribuição de duas monitoras e de uma estagiárias de docência, atuação no perfil @labdafoto etc. Esse conjunto de práticas servirá de base para a problematização, mas não só, porque serão levadas em conta também as experiências anteriores com as disciplinas. Isso é possível porque a cartografia de Deleuze e Guattari é um dos seis princípios do rizoma, sendo os outros dois a conexão, a heterogeneidade, a multiplicidade, a ruptura a-significante e a decalcomania. (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Este estudo pretende iniciar, portanto, com o traçado de uma cartografia que percorre simultaneamente um território passado e um presente, ainda novo e desconhecido.

No traçado da cartografia lançarei mão de técnicas inspiradas tanto na Análise de Redes Sociais (WELLMAN, 2001) como na Etnografia Virtual (RECUERO, 2016; FRAGOSO, 2011; SNEE et al., 2016; HINE, 2015), assim sendo serão utilizados métodos de análises de *big data* (como grafos para visualização de interações) bem como serão feitas anotações em diários de campo para coletar dados utilizados posteriormente na “descrição densa” (GEERTZ, 1987) das atividades experiências.



4 Cronograma das atividades

Atividade	2020				2021												
	9	10	11	12	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Fechamentos dos planos de ensino	X																
Criação do perfil e planejamento dos posts	X																
Preparo e aplicação das aulas	X	X	X	X													
Criação e publicação de posts no perfil @labdafoto	X	X	X	X													
Escrita no diário de bordo	X	X	X	X													
Análise do perfil @labdafoto	X	X	X	X	X	X	X										
Escrita do primeiro artigo						X	X	X	X	X							
Escrita do segundo artigo										X	X	X	X	X			
Relatório final da pesquisa																X	X

5 Alcance, resultados, contribuições e metas

A pesquisa que proponho neste projeto possui estreita relação com o trabalho que venho realizando na Universidade Federal de Santa Catarina, tanto na área do ensino como na extensão, nesse sentido ela contribui tanto para as atividades curriculares como extracurriculares. Pretende-se realizar dois artigos que primeiramente serão apresentados como comunicações em eventos científicos e depois, em versão aperfeiçoada, serão submetidos para publicação em revistas científicas.

6 Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs** — capitalismo e esquizofrenia. v. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. (Coleção TRANS).



DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. O que o jornalismo está se tornando. Tradução de Rafael Grohmann. Revista Parágrafo. Jul/dez 2016. v.4, n.2.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. A imagem crítica. In: DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: 34, 2010. p. 169-199.

FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes (orgs.). **Cartografias e Devires: a construção do presente**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Coleção Tópicos).

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011. (Coleção Cibercultura).

FRANÇA, Andréa. Foucault e o cinema contemporâneo. **Revista Alceu**. v. 5, n. 10. p. 30-39. jan./jun. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1989.

GUIDOTTI, Flávia Garcia. **Do intolerável ao impensável: potências educativas de um cinema cruel**. 2013. 184 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

HINE, Christine. **Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday**. Huntingdon, GBR: Bloomsbury Publishing, 2015.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução: João Wanderley Gerald. **Revista Brasileira de Educação**. n. 19, jan./abr., 2002, p. 20-28.

LARROSA, Jorge. Algunas notas sobre la experiencia y sus lenguajes. **Revista Estudios Filosóficos**, v. 55, n. 160, 2006, p. 467-480.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaaios**. (Trad. Costhek Abílio). 3 vols. SP: Martins Fontes, 2002.



PARENTE, André. Introdução: Os paradoxos da imagem-máquina. In: PARENTE, André. (Org.) **Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

RANCIÈRE, Jacques. **Aux bords du politique**. Paris : Gallimard, 2004a.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Tradução de Ulian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2002.

RANCIÈRE, Jacques. **Malaise dans l'esthétique**. Paris: Galilée, 2004b.

RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do sensível**. Estética e política. São Paulo: 34, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da Escrita**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

RECUERO, Raquel. Métodos mistos: combinando etnografia e análise de redes sociais em estudos de mídia social. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla. **Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. Rio de Janeiro: E-papers, 2016, p. 117-132.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Edição Liberdade, 1989.

ROSÁRIO, Nísia Martins do; AGUIAR, Lisiane Machado. Pluralidade metodológica: a cartografia aplicada às pesquisas de audiovisual. **Revista Comunicación**, n. 10, v.1, 2012, p.1262-1275.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Resolução Normativa 140/2020/CUn** (21 de julho de 2020). Disponível em https://noticias.paginas.ufsc.br/files/2020/07/Resolu%C3%A7%C3%A3o_Normativa_n%C2%BA_140.2020.CUn_assinada.pdf. Acesso em 28 set 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Tire suas dúvidas sobre a retomada do ensino na UFSC**. Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/2020/07/atividades-pedagogicas-nao-presenciais-entenda-como-sera-a-retomada-do-ensino-na-ufsc/> Acesso em: 28 set 2020.

SNEE, Helene et al. **Digital methods for social science: an interdisciplinary guide to research innovation**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016.



WELLMAN, B. Computer Networks As Social Networks. **Science**, 293(5537):2031-2034, 2001.

ŽIŽEK, Slavoj. The lesson of Rancière. In: RANCIÈRE, Jacques. **The politics of aesthetics**. Londres: Continuum, 2004, pp. 69-79.

ŽIŽEK, Slavoj. **Pandemia: covid-19 e a reinvenção do comunismo**. São Paulo: Boitempo, 2020.

ŽIŽEK, Slavoj. A pandemia e a nova classe trabalhadora. Tradução Artur Renzo. **Blog da Boitempo**. Publicado em 1 maio 2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/05/01/zizek-o-10-de-maio-em-um-mundo-viral/>. Acesso em: 27 set. 2020.